



**OS PARADIGMAS EDUCACIONAIS E A
FORMAÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO:
CONTRIBUIÇÕES PARA O
DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS**

autora; Marivalda sousa Lima

OS PARADIGMAS EDUCACIONAIS E A FORMAÇÃO

INTEGRAL DO SER HUMANO: CONTRIBUIÇÕES PARA O

DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS

"A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria."

Paulo Freire

agradecimentos

A Deus, fonte de inspiração, a minhas filhas (**Maila Nadja e Vanessa lima**) razão de luta e a minha mãe (Eunice, minhas irmãs, ao meu incentivador Renovato Lopes, fonte de fortaleza e a todos que fazem parte do meu dia-dia, aos meus alunos razão pelo qual busco uma educação de qualidade, coerente com o modelo de sociedade atual.

INTRODUÇÃO

OS PARADIGMAS EDUCACIONAIS E A FORMAÇÃO INTEGRAL DO SER HUMANO: CONTRIBUIÇÕES PARA O DESENVOLVIMENTO DAS CRIANÇAS;

Vivemos no Brasil um contexto político e social favorável ao debate da educação integral com demonstrações explícitas a favor da agenda e da implementação de políticas de educação integral em tempo integral ou educação integral em jornada ampliada (Art.34 da LDB). Pautada como um dos temas da Conferência Nacional de Educação, realizada em abril de 2010, a educação integral está presente em debates de diferentes atores institucionais da vida pública brasileira, entre os quais, o Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Educação, a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, as universidades públicas. Além disso, também em 2010, a Câmara dos Deputados criou uma comissão especial para o debate da Proposta de Emenda Constitucional 134/07, que tem como proposição a universalização da jornada diária de 7 horas na escola fundamental, em um período de dez anos.

·

Como professora há quase 20 anos, venho através de deste trabalho expor minhas experiências e o meu dia-a-dia, trabalhando com turmas da educação infantil, visto que, tenho estado preocupada com a melhoria da qualidade do que me propus a fazer na sala de aula. Cansei de observar propostas nas quais se gasta um tempo enorme, muita energia e paciência, mas pouco se aprende. Propostas em que o professor sem orientação pedagógica ou suporte pedagógico adequando ver se frustrado e não consegue dar conta das mesmas. Ultimamente o que mais tem me incomodado é perceber que, tal como os alunos, muitos dos colegas professores também agem de forma mecânica, ritualizada, sem refletir a respeito daquilo que propõem.

REFLETINDO SOBRE A PRÁTICA DOCENTE

No cotidiano da escola, são poucas as situações em que o professor é convidado a pensar sobre sua prática e em formas de transformá-la. Tenho me esforçado o máximo possível para favorecer o desenvolvimento cognitivo dos meus alunos; observo-os fazendo as atividades e percebo as grandes dificuldades apresentadas em diversas situações, escolho atividades diferenciadas por se tratar de uma turma heterogênea e com desníveis altíssimos de série idade, pois na turma tenho em torno de 9 alunos com dificuldades de aprendizagem. No final de junho de 2014 recebi um aluno de nome "G". o mesmo tinha 10 anos, não conseguia escrever seu próprio nome e não dominava as habilidades que deveria para a idade e série e não apropriou-se do sistema escrito alfabético. Foram feitas várias intervenções, passei a trabalhar com o olhar voltado para que os alunos pudessem ter uma interação maior e se ajudassem na hora das atividades, dividindo-os em grupo, colocando os mais avançados para adotar um colega e ajudá-lo na hora de realizar as atividades, pois uma das coisas que acredito ser importante é fazer o

acompanhamento dos alunos diariamente para
mas, nem sempre isso é possível devido a quantidade
auxilia-los melhor,
de alunos para atender ao mesmo tempo, mas mesmo
assim, passei a atende-los diariamente e
individualmente a cada um para identificar o por que
de tanta dificuldade para assimilar o que era
apresentado em sala, passei a questionar como era
sua vida fora da escola, o que faziam e como se
relacionavam com sua família, se tinham apoio para
realizar as atividades da escola etc. Passei a ter um
olhar atencioso na hora de mandar atividades para
casa, para não atarefa-los demais com atividades sem
proveito, é importante a socialização dessas
atividades. Sempre discuto as vantagens de fazer as
atividades de casa e deixar claro meu objetivo sobre a
mesma. Houve vários momentos de sucesso e de
fracasso e dentre eles destaco uma aula sobre o
folclore, na qual trouxe para a sala vários livros de
estórias sobre o folclore, os mitos as lendas, pedir que
eles olhassem as figuras e os que já sabiam ler que
lessem para o colega que não sabia ainda, expomos as
lendas em um varal na sala e todos os dias eles
levavam algo para analisar e ler com calma em suas
casas. O livro que mais Fez sucesso foi "O mito" além
das ilustrações maravilhosas, o texto é realmente

muito bonito e fácil de ler. Propus ainda uma leitura. A partir das leituras organizei um seminário de dois de outros livros para que pudessemos fazer uma textos de livros lidos e que eles mais gostaram, onde exposição de desenhos criados Por eles, o resultado eles iriam expor o texto, montar um álbum da estória foi surpreendente, porque eles queriam mostrar nos escolhida nos mínimos detalhes e oralmente mínimos detalhes tudo que continha nos livros lidos e apresentassem e recontassem a mesma, fazendo recontavam as estórias num entusiasmo desenhos, com mímicas, montassem painéis e extremamente fascinante. expusessem tudo que apreenderam das leituras. Foi desafiador e a recompensa foi assistir às exposições dos mesmos, uma confusão atrás da outra, pois, eles não admitiam esquecer os detalhes. Não foi fácil atingir os objetivos descrita para a sequência didática, porém vê-los comentar sobre seus desenhos, essa interação para realizar as atividades mostrou-me que a resistência e a insegurança são minhas. A partir de então passei a registrar em meu diário as produções das crianças, fotos, recortes enfim, tudo que era produzido por eles e a vida da sala de aula. Descobri algo que em minha formação acadêmica não aprendi que é despertar-me para a necessidade de compreender como se dar o processo de alfabetização tão complexo, prova disso são as várias teorias que foram escritas por tantos autores e por mais que leia não se consegue a prática eficaz em sala de aula, o processo de alfabetização envolve muita coisa que

explicar em linhas gerais é complexo e exaustivo, As crianças têm ideias bem peculiares a respeito da percebe-se de fato que não estamos fazendo a coisa escrita; nos diagnósticos feitos bimestralmente na acontecer e cada vez mais a escola torna-se escola presenciamos as noções que eles fazem da desinteressante e pouco atrativa para nossos alunos. escrita com a palavra, objeto grande simboliza em Percebi que em relação à alfabetização o processo é suas cabecinhas palavra pequena. Nós professores muito semelhante, não precisamos organizar a língua muitas vezes não levamos isso em consideração para em pedaços fragmentados para simplificá-la e torna-la partir desse ponto, e dar-lhes maior suporte e acessível aos educando. Mesmo antes de ingressar desafiá-los, permitindo que eles aprendam mais, para a escola, a criança veem os textos escritos, assistem TV e vivenciam o mundo como é de fato (em casa ou na rua ele consegue através de uma simples embalagem fazer uma leitura do produto e pra que serve. O que ela não domina é o sistema alfabético).

O que podemos fazer de fato para mudar o cenário vivido na atualidade?

Atualmente parece que não sabemos ensinar e ao ouvir os discursos dos colegas faço a seguinte reflexão: Se todos nós já detectamos que a escola “não funciona e não está atingindo seu papel” que é fazer a criança ler e escrever de fato. Por que estou “parada”? Como professor (a) tem o dever de encontrar soluções para a cura do problema. Fiz o diagnóstico, detectei que minha turma tem dificuldades e não avançam. “Eu” enquanto responsável por essa turma o que tenho feito de fato ou fiz para salvar meus alunos? Se vamos ao médico é feita a consulta, posteriores exames e avaliação de dados coletados e a partir dos dados são medicadas e temos 90% de chance de ter a cura. E por que a escola “nós” a equipe escolar ainda fingimos fazer nosso papel quando na verdade não o fazemos? Estar em nossas mãos essa bomba, eu enquanto educador (a) a passará para meu colega? E meu colega passará para o outro? O papel do professor é preocupar-se com o que vem acontecendo no cenário educacional, criticamos a saúde, os políticos, as políticas e nunca

paramos para analisarmos que as críticas que fazem a escolha dos modelos oferecidos é de fundamental importância no resultado de suas produções, não como incapazes e incompetentes. Torna-se cada vez mais evidente que é preciso preocupar-se com a leitura não consegue a prática eficaz em sala de aula, o processo de alfabetização envolve muita coisa que elas possam desenvolver suas capacidades leitoras, explicar em linhas gerais é complexo e exaustivo, percebe-se de fato que não estamos fazendo a coisa acontecer e cada vez mais a escola torna-se desinteressante e pouco atrativa para nossos alunos. Percebi que em relação à alfabetização o processo é muito semelhante, não precisamos organizar a língua em pedaços fragmentados para simplificá-la e torná-la acessível aos educando. Mesmo antes de ingressar para a escola, a criança veem os textos escritos, assistem TV e vivenciam o mundo como é de fato (em casa ou na rua ele consegue através de uma simples embalagem fazer uma leitura do produto e pra que serve. O que ela não domina é o sistema alfabético). As crianças têm ideias bem peculiares a respeito da escrita; nos diagnósticos feitos bimestralmente na escola presenciamos as noções que eles fazem da escrita com a palavra, objeto grande simboliza em suas cabecinhas palavra pequena.

Nós professores muitas vezes não levamos isso em consideração para partir desse ponto, e, dar-lhes maior suporte e desafiá-los, permitindo que eles aprendam mais. Atualmente parece que não sabemos ensinar e ao ouvir os discursos dos colegas faço a seguinte reflexão: Se todos nós já detectamos que a escola “não funciona e não está atingindo seu papel” que é fazer a criança ler e escrever de fato. Por que estou “parada”? Como professor (a) tenho o dever de encontrar soluções para a cura do problema. Fiz o diagnóstico, detectei que minha turma tem dificuldades e não avançam. “Eu” enquanto responsável por essa turma o que tenho feito de fato ou fiz para salvar meus alunos? Se vamos ao médico é feita a consulta, posteriores exames e avaliação de dados coletados e a partir dos dados são medicadas e temos 90% de chance de ter a cura. E por que a escola “nós” a equipe escolar ainda fingimos fazer nosso papel quando na verdade não o fazemos? Estar em nossas mãos essa bomba, eu enquanto educador (a) a passará para meu colega? E meu colega passará para o outro?

Qual papel o professor vem assumindo perante a sociedade para mudar a educação hoje?

As muitas propostas educacionais postas em prática para as novas gerações, desde o século XIX, estão impregnadas do significado pleno da educação, isto é, uma formação e desenvolvimento integral do ser humano. Contudo, à medida que a educação se tornou política de Estado voltada para o atendimento em massa, as práticas, o currículo, os equipamentos e o tempo necessários para o desenvolvimento dessa formação integral se constituíram em desafio e suas finalidades restringiram-se ao propósito de ofertar a “todos” conhecimentos básicos voltados à socialização para o mundo do trabalho em constante expansão (marca do século XX). Com isso, esvaziou-se a noção de formação integral, tomada então como um privilégio destinado a poucos. Como toda política social, a educação é igualmente moldada pelas tensões e pressões da sociedade em que se insere. Quando suas práticas não mais respondem às demandas e necessidades daquela sociedade, surgem teorias, concepções e experiências de

inovação educacional de que as novas gerações necessitam. Esta é a situação atual. Movimentos e acontecendo no cenário educacional, criticamos a grupos sociais reivindicam padrões de maior qualidade saúde, os políticos, as políticas e nunca paramos para para a educação pública, como um direito das analisarmos que as críticas que fazem a escola crianças e dos jovens brasileiros, e reintroduzem na pública nos atingem de frente e nos coloca como agenda pública a educação Integral como prioridade incapazes e incompetentes. Torna-se cada vez mais da política, a partir de demandas, sentidos e evidente que é preciso preocupar-se com a qualidade significados presentes no tempo em que vivem. do que se propõem as crianças para que elas possam desenvolver suas capacidades leitoras, escritoras, bem como seu papel de estudante. A escolha dos modelos oferecidos é de fundamental importância no resultado de suas produções, não basta utilizar metodologias variadas, é necessária uma atuação explícita do professor, atuação explícita significa que o mesmo deve: Planejar, esse é o primeiro passo, ter clareza de objetivos, antecipar os problemas decorrentes da realização da atividade proposta, propor desafios, e organizar os grupos de trabalhos em sala, prevendo tempo suficiente para a realização da atividade e principalmente ser claro e objetivo naquilo que ele está propondo. Se esses cuidados não vierem imbuídos e não tiver princípios de trabalhos corre-se o risco de ver a sala não realizar por não ter a compreensão clara do que lhes foi proposto e o

professor gastando tempo com atividades sem proveito, e sem enriquecimento para a vida do educando. Nessa perspectiva o professor deve repensar e resignificar sua prática, de forma a lidar com conteúdos das áreas e com o mundo da educação infantil, primeira etapa da educação básica, informação que o cerca, repensar num modelo de ensino que tem como finalidade o desenvolvimento integral da aprendizagem global, e, no qual ele conheça a criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade (BRASIL, 2006, p. 41). No relatório Delors (2001, p. 99) encontra-se que aprender a ser é visto pela comissão todos que dela usufrui levar a escola para a contemporaneidade sem perder de vista a realidade cultural específica da comunidade que a mesma está inserida. Essa incumbência comporta preparar “[...] para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formar os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir, por si mesmo, como agir nas diferentes circunstâncias da vida”. (Delors 2001, P. 99). A nossa ação didática pode contribuir para o sucesso ou para o fracasso do público que atendemos (no caso os alunos). Não deixamos ainda a pedagogia jesuítica e o sistema de instrução formal em sala de aula, estamos ministrando aula pelo uso da exposição verbal e unilateral do professor, o tempo todo usamos

os exercícios de cópia e fixação. O aluno nos prova que John Dewey nos chama a atenção em suas obras para aprendeu devolvendo o que foi (no passado) (como dizia Paulo Freire), "insistimos em um modelo bancário a ideia do "aprender a aprender", ou seja, só se (1983) associou que o aluno aprendeu ao perceber que aprende fazendo, esta didática emerge da organização ele reteve esse conhecimento, guardou, memorizou, de situações desafiadoras da aprendizagem, a mesma armazenou de forma mecânica, passiva e receptiva, situará o aluno no "centro" do processo de ensino não conseguimos nos libertar desse modelo onde a aprendizagem. Esta compreensão de aprendizagem relação professor-aluno ocorre verticalmente e por altera a relação professor-aluno. Um aluno ao chegar vezes autoritário.

no 3º ano do ensino fundamental trás uma vivencia de quatro anos na escola, teve contato diversos com a escrita e com diferentes textos de diferentes gêneros, e eu pergunto: O que venho fazendo para que eles avancem? O primeiro ponto que dificulta o trabalho do professor está relacionado com a família. As crianças não tem um acompanhamento eficaz em casa, percebe-se a falta de interesse da maioria dos pais até mesmo diante das condições que algumas crianças chagam a escola, sujos, maltratados e sem o material didático que é solicitado, muitos rasgam os cadernos, deixam sujar, isso quando não veem à escola sem material algum. Chamam-se esses pais na escola e eles justificam que a criança é traquina, desobediente e não quer nada, ou seja, colocam a culpa na criança quando na verdade ele deveria acompanhar. Eles nem

sabem o que acontece na escola por que na maioria Deveriam existir leis mais brandas que obrigassem os das vezes não conversam com seus filhos, não querem pais a terem mais responsabilidades e funcionassem saber como foi o dia deles e o que eles aprenderam, ao de fato, pari é um ato irresponsável quando não se sentarmos para conversarmos sobre sua vida fora da pode dar o mínimo de condições para que a criança escola os relatos são assustadores. Pais que bebe, cresca e se desenvolva psicologicamente e batem nos filhos, muitos nem tem o que comer em cognitivamente. Chamam-me a atenção ver os suas casas, falta-lhes tudo (amor, carinho, respeito, programas que são oferecidos às famílias e os limites e responsabilidades).

mesmos são usados de forma desastrosa. Muitas famílias têm filhos porque receberão um incentivo maior em dinheiro da bolsa família e agregado a isso o salário maternidade, não sou contra nem estou a afirmar que esse benefício não seja positivo o que coloco é que, isso vem sendo usado para sanar um problema (falta de dinheiro) e não cuidam desses filhos como deveriam. Muitos têm de 10 a 11 filhos jovens com 20 anos com quatro filhos ou mais essas crianças vem para a escola mal cuidada e faminta e a escola não dar conta de sanar essas necessidades por contar apenas com um simples lanche muitas vezes nem tem e para muitas famílias a escola é um local onde ela colocará aquela criança onde a criança vai passar uma manhã e a mãe se ver “livre”, ou seja, em seus discursos é perceptível à forma como essas famílias ver a escola e a criança agradece por estar

ali, por que terá carinho, a refeição e outros colegas para brincar.

E os bastidores da profissão professor?

A realidade e as condições de trabalho de fato deixam-nos depressivos e de mãos atadas, vejo a educação falida, viemos de uma época que as escolas só tinham giz e lousa, avançamos para o a lousa branca e o pincel atômico, estamos estacionados nos mesmos paradigmas, sem conseguirmos desatar os nós da causa. Por mais conhecimento que busque percebo ser em vão na aplicabilidade da minha realidade. Os recursos destinados às escolas são poucos mal dar para a folha de sulfite, o piloto, cola etc. A sociedade não se preocupa com as crianças de hoje não sabendo ela que a mesma criança será o adolescente que poderá se desviar e futuramente ser o marginal que irá atormentá-los. Percebe-se a falta de parceria não só das famílias, mas, da sociedade. Temos problemas crônicos, vemos todos os dias que o governo não está dando conta, as verbas são desviadas, professores mal pagos, mas, e a sociedade tem feito o que para sanar esses problemas? Existem exemplos belíssimos de ONGs e projetos sociais, porém, precisamos de mais pessoas envolvidas para que a educação mude. O professor se dispõe muito pelo que recebe e pelas

condições oferecidas. Sabem-se a raiz da causa, Existem exemplos belíssimos de ONGs e projetos precisamos encontrar soluções urgentes. Os alunos sociais, porém, precisamos de mais pessoas são as vítimas que sofre em escolas sem estrutura envolvidas para que a educação mude. O professor se falta o básico. Visitei escolas que é vergonhoso citar dispõe muito pelo que recebe e pelas condições as condições, simplesmente depósitos. Você analisa o oferecidas, Sabem-se a raiz da causa, precisamos projeto político pedagógico ele está encontrar soluções urgentes. Os alunos são as vítimas que sofre em escolas sem estrutura falta o básico. Visitei escolas que é vergonhoso citar as condições, simplesmente depósitos. Você analisa o projeto político pedagógico ele está maravilhoso, lá existe tudo, conversa com os professores e todos estão insatisfeitos e reclamando das condições de trabalho. A profissão docente está ficando extinta, de cada 100 jovens que estudam apenas um quer ser professor. (Por que será?). É o salário? São os perigos que esta profissão oferece? É a responsabilidade que assusta? Estar em sala de aula de 8 a 12 horas por dia e dar conta de tudo que é produzido diariamente requerem de nós um sacrifício enorme, muitos dos nossos colegas estão doentes, são pilhas e pilhas de atestados médicos, se me permitissem publicar seria interessante, é a classe dos “doentes”, a profissão nos abate, cansa e sufoca.

Não estamos conseguindo dar conta, ninguém em nenhuma profissão trabalha tanto como o professor, são pilhas de atividades para corrigir, rotinas para o dia a dia a ser cumprida, planejamentos de unidades, planejamentos anuais, levamos para casa para darmos conta e não nos perdemos no caminho, pois se não conseguirmos avaliar o que o aluno produz fica um trabalho fragmentado e sem parâmetros.

QUE CAMINHOS TRILHAR?

A redução da carga horária é um fator urgente nos permitirá um tempo maior para avaliarmos o que os nossos alunos produzem, Como conseguiremos fazer um bom trabalho se vivemos e trabalhamos em situações degradantes, sem tempo para dar conta de tudo que a profissão exige? Paulo Freire ao defender que a educação, em seus mais diferentes matizes, deve-se constituir sempre numa possibilidade de humanização, é que concebemos o professor como um profissional que está sempre se fazendo. Apoio-me nesse pensamento partindo desse entendimento, e ressalto a história devida, a formação e a prática docente, mas, nosso fazer pedagógico está tão imbuído de paradigmas que requer do sistema um olhar específico para a profissão de forma a perceber que estamos agonizando, é preciso observar as falas e sentir que o professor é um ser humano e os desafios da profissão coloca um ponto fundamental em questão. A qualidade. Contra-pondo-me ao modelo atual de trabalho docente por preocupar-me com a qualidade do que faço e que modelos de educação querem oferecer a sociedade, essa preocupação com a dimensão ética da docência não é recente, como

professora estou em defesa da minha

O novo professor precisaria, no mínimo de uma profissionalização, da qualidade, da equidade do meu cultura geral mais ampliada, capacidade de aprender fazer pedagógico. Para isso, professores são necessários sim. Todavia novas exigências a aprender, competência para saber agir na sala de aula, saliento que para se chegar aos indicadores de educacionais pedem as universidades e cursos de qualidade tão almejados por nós professores e por formação para o magisterio um professor capaz de todos envolvidos no processo educacional, seria ajustar sua didática as novas realidades da sociedade, necessário hoje uma reorientação de objetivos do conhecimento do aluno dos diversos universos escolares, tendo em vista uma educação culturais, dos meios de comunicação?

emancipadora e crítica, será necessário um processo formativo que abranja a totalidade do ser humano nas suas dimensões físicas, afetivas, cognitivas, não se reduzindo a dimensão econômica como acontece atualmente, o modelo de educação oferecido é totalmente reduzido ao modelo econômico, ou seja trata-se de uma declaração genérica, é preciso traduzir objetivos genéricos em práticas concretas no âmbito educacional. Nóvoa (2002, p. 23) diz que: “O aprender contínuo é essencial se concentra em dois pilares: A própria pessoa, como agente, a escola como lugar de crescimento profissional permanente”. Para ele a formação continuada se dá de maneira coletiva e depende da experiência e da reflexão como instrumentos contínuos de análise.

Os PCNs abordam que é papel fundamental da educação no desenvolvimento das pessoas e da sociedade e amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio e aponta para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. Sabemos que a cidadania e a consciência crítica são os eixos que norteiam os temas transversais propostos nos parâmetros curriculares nacionais. Esta nova visão de homem será, portanto, a de um indivíduo singular que se autoconstrói permanentemente, que sente que pensa e age, que das suas mediações coletivas construirá as possibilidades de uma vida melhor, passando por opções éticas e por valores humanizadores. Defendo a criação de um modelo de educação que abra os olhos das crianças e dos adultos para o duro momento de desigualdades que assola o planeta e convida os educadores a serem os pioneiros e propagadores de uma filosofia holística da educação para o sec. XXI. Nesse sentido Pimenta (2005) coloca que a educação, não só trata e reproduz a sociedade, mas projeta a sociedade desejada.

Por isso, vincula-se profundamente ao processo civilizatório e humano. A autora complementa seu pensamento com a seguinte afirmação: enquanto prática pedagógica, a educação tem historicamente o desafio de responder as demandas que os contextos lhes colocam.

Vejo o professor (a) como agente transformador social e histórico, acredito que ao trabalhar integralmente o indivíduo, este se apresentará em condições mínimas para agir sem que suas ações gerem, ou fomentem o estado de volúpia, corrupção e violência que caracterizam o atual estado da sociedade. O ser humano, tendo sua humanidade, sua integralidade restituída por um padrão educacional que prime pelo uso das forças em domínio, ou seja, de suas potencialidades consequentemente desenvolverá suas qualidades e despertará suas qualidades e despertará suas faculdades latentes sendo então plenamente possível, através da consciência desperta ou em vias de despertar, compreender e dissolver seus vícios transmutando-os em virtudes para então trabalhar individual e coletivamente em prol da reconstrução da ordem e da harmonia social a nível planetário.

Educar para outro mundo possível é dar visibilidade ao que foi escondido para oprimir, e dar voz aos que não são escutados. Paulo Freire foi um exemplo de educador de outro mundo possível, pois colocou no palco da história o oprimido, visibilizando o oprimido e sua relação com o opressor. A escola é um lugar privilegiado para a construção e o exercício da parceria e companheirismo oportunizados pelo conhecimento, como base das relações humanas. O objetivo específico do trabalho escolar é o próprio conhecimento. Portanto, a função sociopolítica da escola hoje, é trabalhar completamente com seu próprio objeto de trabalho. E, cabe a administração o acompanhamento e a vigilância desta competência, para que no ato pedagógico, na relação professor aluno, os alunos ampliem seus conhecimentos e, ao mesmo tempo, sejam produzidas em todos e em cada um, as aptidões cognitivas e atitudinais necessárias neste mundo novo, humanamente cada vez mais exigente.

Contexto legal e político da educação integral

O debate em torno da educação integral no Brasil tem como ponto forte de referência histórica os ideais de educação democrática propostos por Anísio Teixeira na primeira metade do século XX. A partir dos anos 1990, o tema ganha outra dimensão e caráter, refletidos na LDB. Pautada pela flexibilidade quanto à organização do ensino público, a lei que rege a educação brasileira aponta como horizonte da política educacional o aumento progressivo da jornada escolar, a valorização de ações educacionais para além do currículo escolar padronizado e a necessária articulação entre escola e sociedade.

fim.

DADOS DO AUTOR(A) LIMA, Marivalda sousa
graduada em letras/inglês, Psicopedagoga,
Professora do 3º ano do Ensino Fundamental I e II da
Escola Municipal Teodoro Luciano da Silva, Piabas
Caem -BA, Vice-diretora do Centro Educacional de Vila
Cardoso-Caldeirão Grande-Ba, autora de cursos online
do site buzzero.com.
e-mail: marivaldasousa@yahoo.com.br.



REFERÊNCIAS; Consciência cósmica: introdução à psicologia transpessoal. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 4. Ed. São Paulo: Loyola, 1986.

Ministério da Educação e do Desporto. Referencial Curricular Nacional para a educação infantil.

Secretaria de Educação Fundamental.

Brasília: MEC/SEF, 1998. Vol. 1.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros nacionais de qualidade para a educação infantil. Secretaria de Educação Básica – Brasília: MEC/SEB, 2006. Vol. 1 e 2.

